



IV Seminário Nacional: Serviço Social, Trabalho e Política Social – SENASS  
Universidade Federal de Santa Catarina  
Florianópolis – 04 a 06 de julho de 2022

---

## TRABALHO, SER SOCIAL E EMANCIPAÇÃO HUMANA NA ANÁLISE DE KARL MARX

SILVA, Mauri Antônio<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo é produto de estudo bibliográfico abordando o percurso de estudos de Marx mostrando a sua progressiva evolução na compreensão do capitalismo organizado sobre a exploração do trabalho assalariado. Registra-se que o trabalho funda o ser social, que pressupõe a unidade entre o homem e a natureza, pois o homem é naturalmente humano e humanamente natural. No intercâmbio com a natureza para produzir suas condições de existência o homem se torna cada vez mais social. As análises de Marx mostram que a história dos homens está em permanente movimento e são movidas pelas lutas entre as classes sociais. Os pré-requisitos para uma transformação social se desenvolvem na relação complexa e dialética entre o desenvolvimento das estruturas econômicas e das ideologias correspondentes elaboradas pelas classes sociais em luta. Como conclusão do estudo se evidencia a atualidade das categorias elaboradas por Marx para compreender a sociedade capitalista e sua possível transformação.

**Palavras-chaves:** Trabalho; Ser Social; Emancipação Humana.

---

<sup>1</sup> Professor Doutor da Universidade Estadual do Unitins, Curso de Serviço Social. E-mail: [mauri.as@unitins.br](mailto:mauri.as@unitins.br).

## 1 Introdução

A exploração dos trabalhadores pelos donos dos meios de produção tornou-se a base do desenvolvimento do capitalismo que Marx analisou durante a sua vida, buscando entender as causas da exploração do trabalho pelo capital e as possibilidades de sua superação.

De acordo com Gramsci, o estudo da cultura filosófica de Karl Marx é não só interessante como necessário. Através do ir e vir de Marx na análise dos pensamentos históricos até sua época, ele forma o seu pensamento, que é uma síntese nova, na qual “A filosofia da práxis é o historicismo absoluto, a mundanização e terrenalidade absoluta do pensamento, um humanismo absoluto da história” (GRAMSCI, 1999, p.154-155).

A vida de Marx sempre esteve intimamente ligada ao proletariado. Isto o dotou de uma teoria social superior, mais próxima da verdade objetiva (LOWI, 1975). Para os economistas burgueses as leis econômicas burguesas são leis naturais e eternas. Para Marx, em comparação, elas são transitórias, perecíveis e históricas, porque ele se situa no ponto de vista dos trabalhadores.

Com estas breves notas sobre algumas de suas principais obras pretendemos acompanhar a evolução de seu pensamento que vai dar conteúdo ao método materialista-dialético que é de profunda atualidade para a análise das questões sociais provocadas pelo desenvolvimento do capitalismo contemporâneo atravessado por crises econômicas cíclicas (MARX; ENGELS, 1998) que se tornam cada vez mais devastadoras para o mundo do trabalho, especialmente na eclosão de massas de desempregados e famintos.<sup>2</sup>

## 2 O itinerário de estudos de Karl Marx

Desde cedo Karl Marx demonstrou seu compromisso com a felicidade da humanidade. Quando estudante, aos 17 anos, durante a prova de redação em língua alemã, no Liceu Friedrich-Wilhelm, em Trier, junto ao rio Mosel, ele dissertou sobre o tema solicitado: “*Considerações de um jovem na escolha da profissão*”. Era 12 de agosto de 1835, e o jovem de 17 anos escreveu uma das melhores redações. (MARX, p. 616 *apud* GENKOW, 1984, p. 15).

Karl Marx, o terceiro de nove filhos do advogado Heinrich Marx, condena na sua redação uma escolha de profissão baseada apenas em interesses egoístas ou mesmo

---

<sup>2</sup> A última crise mundial é pontuada em 2020 e foi acelerada pela pandemia da Covid-19. “O mundo entrou na pandemia de COVID-19 com desequilíbrios externos persistentes e pré-existent. A crise causou uma forte queda do comércio e flutuações significativas nas taxas de câmbio, porém uma redução limitada dos déficits e superávits mundiais em conta corrente. As perspectivas continuam altamente incertas, pois ainda pairam no horizonte riscos de novas ondas de contágio, inversão dos fluxos de capital e um novo declínio do comércio internacional”. (KAUFMAN; LEIGH, 2020). Os informes da OIT são profundamente desesperadores para a os trabalhadores do mundo. Os relatórios dos seus especialistas afirmam que a previsão é de uma perda de 6,75% das horas de trabalho no segundo trimestre de 2020, o equivalente a 195 milhões de empregados em tempo integral, diminuição dos salários, e o aumento do desemprego em 25 milhões de pessoas até o final do ano (OIT, 2020).

materiais. A história – escreve ele – “mostra que os maiores homens são aqueles que, em favor do geral, enobrecem a si mesmos; a experiência exalta a felicidade suprema de quem tornou feliz um número maior de pessoas” (MARX, p. 616 *apud* GENKOW, 1984, p. 15). O adolescente Karl já se preocupava com as diferenças sociais. Ele reconhecia que a escolha de uma profissão não dependia só do querer e da vontade do indivíduo: “Nem sempre podemos escolher a profissão para a qual nos sentimos vocacionados; as nossas condições sociais de certo modo já surgiram antes de sermos capazes de determiná-las” (MARX, p. 616 *apud* GENKOW, 1984, p. 16).

Na trajetória de sua vida ele seguiria este instinto, e mais, buscaria aproximar-se dos trabalhadores e de suas organizações de luta, para colocar seu conhecimento a serviço da transformação social, sendo sua iniciativa mais extraordinária a criação da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), em 1864, quando compreendeu que a expansão global do capital exigia uma entidade que organizasse a luta internacional da classe operária.

Em 1835, terminado o curso secundário, Marx matriculou-se na Universidade de Bonn, com a intenção de estudar jurisprudência, e em 1837 transferiu-se para a Universidade de Berlim, onde se matriculou na escola de Direito e participou das discussões sobre o pensamento de Hegel. Marx participa em círculos radicais e jacobinos como o “clube dos doutores”. Estuda com Friederich Carl von Savigny (1779-1861), fundador da Escola Histórica do Direito, e com Eduard Gans (1797-1839), discípulo de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831). A leitura de Hegel o marcará por toda a vida.

Abandonando definitivamente a carreira de advogado e com intenções de ensinar, ele se transferiu para Jena, onde no ano de 1841 se doutorou em Filosofia na Universidade de Jena com uma tese sobre *Diferença entre a Filosofia da natureza de Demócrito e Epicuro*, publicada postumamente. Segundo Kohan, nesta tese Marx analisa as diferentes teorias dos átomos dos dois filósofos gregos mostrando que em Demócrito os átomos expressavam um universo absolutamente determinado ao passo que em Epicuro, os átomos deixavam margem para a liberdade e o sujeito (KOHAN, 2008).

Em Hegel, Marx reconheceu o que havia de essencial, o que havia de revolucionário: o seu método de pensar, a dialética. No posfácio da 2ª. Edição de *O Capital* ele diz que Hegel foi o primeiro a apresentar as formas gerais de movimento, de maneira ampla e consciente. Mas destaca também que em Hegel o ideal é o criador do real, e que para ele, Marx, o ideal nada mais é do que o real transposto para o cérebro e por ele interpretado (MARX, 1996).

Concluído o curso, Marx não conseguiu aulas, devido à repressão do governo prussiano contra os jovens hegelianos. No ano de 1842 conseguiu um emprego na *Gazeta Renana*, órgão liberal publicado em Colônia, onde Marx passou a se ocupar com problemas

políticos e sociais, e mais tarde seria o redator chefe, como assinalaria no Prefácio de *Para a Crítica da Economia Política*.

Nesse momento, Marx deparou-se pela primeira vez com a oportunidade de tratar de questões materiais, vendo-se na obrigação de analisar o processo movido pelo Estado contra o “roubo” de lenha feito pelos camponeses. Finalmente tendo sido fechada a *Gazeta Renana*, em 1843, Marx migra para Paris, onde continuou seus estudos e se tornou o responsável pela edição de uma revista, os *Anais Franco Alemães*, que teria vida efêmera, apenas um número. Antes disto ele recusou um convite do governo prussiano para ser redator no diário oficial, casou-se em 1843 com Jenny von Westphalen e durante sua lua de mel em Kreuznach, estudou a fundo diversos autores, com destaque para Hegel.

Segundo Genkow (1984) Marx começou a estudar literatura econômica em seu exílio em Paris. Ali a miséria massiva da classe operária francesa o tinha revoltado. O desejo de “revolucionar todas as relações em que o homem seja um ser humilhado, subjugado, abandonado, desprezível” (MARX, *Prefácio para a crítica da filosofia do direito de Hegel*, apud GENKOW, 1984, p. 127), pouco a pouco fez amadurecer nele a ideia de que era preciso buscar as origens de todos os males sociais no modo de produção capitalista.

De acordo com Marx “a emancipação do alemão é a emancipação do homem. A cabeça dessa emancipação é a filosofia, o proletariado é o seu coração”. E completa dizendo que “A filosofia não pode se efetivar sem a suprassunção [*Aufhebung*] do proletariado, o proletariado não pode se suprassumir sem a efetivação da filosofia” (MARX, 2013, p. 63).

Na França, em 1844, ele fez suas primeiras aproximações à economia política escrevendo os *Manuscritos econômico-filosóficos*, onde explicita a propriedade privada como fonte e expressão de alienação humana, defendendo a sua superação como condição para a emancipação humana. Desse modo, “A eliminação positiva da *propriedade privada*, tal como a apropriação da vida *humana*, constitui portanto, a eliminação positiva de toda alienação, o regresso do homem a partir da religião, da família, do estado etc., a sua existência *humana*, ou seja, *social*” (MARX, 2006, p.139).

Lukács comenta que nos *Manuscritos econômico-filosóficos*, ele mostra a conexão das categorias econômicas “com as categorias da produção e da reprodução da vida humana, tornando assim possível uma descrição ontológica do ser social sobre bases materialistas” (LUKÁCS, 1979, p.15).

Segundo Lukács, “no momento em que Marx faz da produção e da reprodução da vida humana o problema central”, surge – tanto no próprio homem como em todos os seus objetos, relações, vínculos, etc – a dupla determinação de uma inseparável base natural e de uma ininterrupta transformação social dessa base” (LUKÁCS, 1979, p. 15-18).

Com o trabalho se funda o ser social, que pressupõe a unidade entre o homem e a natureza, pois o homem é naturalmente humano e humanamente natural. No seu intercâmbio com a natureza para produzir suas condições de existência o homem se relaciona com outros homens e se torna cada vez mais social.

Segundo Marx, sua opinião científica foi indicada pela primeira vez, ainda que de forma polêmica, no escrito *Miséria da Filosofia*, publicado em 1847, e dirigido contra o livro *Sistema das Contradições Econômicas ou Filosofia da Miséria*, de Joseph Proudhon, um representante do socialismo utópico-reformista.

Desse modo, este método instaurado por Marx, e explicado em sua *Carta a P.V. Annenkov*, escrita em 1846 comunicando suas primeiras impressões sobre o livro de Proudhon, toma como ponto de partida o fato de que indivíduos em determinadas relações de produção estabelecem entre si relações sociais e políticas condicionadas. Marx apoiou-se em sua trajetória para dizer que são os indivíduos reais em suas relações sociais de produção, que fundamentam seu método e não as representações ideais que os filósofos fazem do real. Segundo Marx, os homens não podem escolher esta ou aquela forma social.

A um determinado estágio de desenvolvimento das faculdades produtivas dos homens corresponde determinada forma de comércio e de consumo. A determinadas fases de desenvolvimento da produção, do comércio e do consumo correspondem determinadas formas de constituição social, determinada organização da família, das ordens ou das classes, numa palavra, uma determinada sociedade civil (1982, p.206).

Em *A ideologia alemã*, escrita em 1845, Marx e Engels apontaram a importância da ideologia na luta de classes. Algumas ideias são centrais na exposição. Inicialmente eles dizem que para os homens poderem se dedicar à política, à ciência, à arte, à música, ou à religião, eles têm que primeiro satisfazer suas necessidades de sobrevivência mais imediatas: “comer, beber, ter habitação, vestir-se e algumas coisas mais” (MARX; ENGELS, 1987, p.39). E estas necessidades só podem ser satisfeitas por meio do trabalho que transforma a natureza. Então o primeiro ato do homem é a produção das condições de existência e em seguida ele vai se ocupar de outras esferas de organização social e fruição das condições de existência.

Acerca da ideologia eles constataram que as ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes, portanto no capitalismo a classe proprietária dos meios de produção são as forças dominantes que determinam também as ideias hegemônicas desta sociedade e que correspondem aos interesses desta classe:

As ideias (*Gedanken*) da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força *material* dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força *espiritual* dominante. A classe que tem a sua disposição os meios de produção material dispõe, ao mesmo tempo, dos meios de produção espiritual, o que faz com que a ela sejam submetidas, ao mesmo tempo e em média, as ideias daqueles aos quais faltam os meios de produção espiritual. As ideias dominantes nada mais são do que a expressão ideal das relações materiais dominantes, as relações

materiais dominantes concebidas como ideias, portanto, a expressão das relações que tornam uma classe a classe dominante.

Evidenciando as condições de exploração sobre os trabalhadores como consequência da exploração da classe capitalista, Marx e Engels, demonstraram em *A Ideologia Alemã*, que o único modo de equacionar ou superar esta situação seria pela derrubada desta ordem existente através de um movimento prático e consciente das classes oprimidas.

Ora, tal transformação só se pode operar por um movimento prático, por uma *revolução*; esta revolução é necessária, entretanto, não só por ser o único meio de derrubar a classe *dominante*, mas também porque apenas uma revolução permitirá à classe que *derruba a outra* varrer toda a podridão do velho sistema e tornar-se capaz de fundar a sociedade sobre bases novas (MARX e ENGELS, 1987, p. 109).

Mandel (1968, p. 41) ensina que desde a *Ideologia Alemã*, Marx e Engels estabeleceram claramente os laços que unificam a abolição da produção mercantil e o surgimento de uma sociedade comunista, não modificando mais essa opinião. Para o economista belga as concepções que admitem a sobrevivência da produção mercantil numa sociedade comunista “são em todo caso estranhas a teoria marxista”.

Já com relação à importância do conhecimento para a transformação, nas *Teses sobre Feuerbach*, publicadas como um anexo a *Ideologia alemã*, Marx diz que ele separa a teoria da prática. Para Marx a crítica teórica só pode mudar a realidade pela atividade crítica e revolucionária. E, esta por sua vez, é o critério de toda a verdade. A questão de saber se ao pensamento humano pertence à verdade objetiva não é uma questão da teoria, mas uma questão *prática*.

É na práxis que o ser humano tem de comprovar a verdade, isto é, a realidade e o poder, o caráter terreno do seu pensamento. A disputa sobre a realidade ou não-realidade de um pensamento que se isola da praxis é uma questão puramente *escolástica* (MARX; ENGELS, 1987, p.125-126).

Estaria aí uma síntese com base em Hegel? Segundo Gramsci, Hegel escreveu que “a filosofia de Kant, de Fichte e de Schelling contém a revolução em pensamento”, revolução na qual a Alemanha tinha progredido muito, porém, apenas como espírito e conceito, enquanto na França, explicitou-se como “realidade efetiva” (cf. *Vorles. Über die Gesch. D. Philos.*, Berlim, 1884, III, p. 485). Na filosofia da história, Hegel explicou que o princípio da vontade formal, da liberdade abstrata, segundo o qual “a simples unidade da autoconsciência, o Eu, é a liberdade absolutamente independente e a fonte de todas as determinações universais”, “é entre os alemães a tranqüila teoria, ao passo que os franceses quiseram realizá-lo praticamente” (cf. *Vorles. Über die Die. Philos. Der Geschichte*, Berlim, 1848, p. 531-532).

Para o grande pensador italiano Gramsci, estas passagens de Hegel, são fontes do pensamento de Marx, expresso nas *Teses sobre Feuerbach*, onde ele diz que “os filósofos interpretaram o mundo, trata-se agora de transformá-lo” (GRAMSCI, 1999, p.189).

Porém, Gramsci adverte que a unidade teoria e prática deve ser mais bem estudada para se analisar as diferentes formas que tomou na história das ideias. Em Santo Tomás de Aquino encontra-se a afirmação: “*Intellectus speculativus extensione fit practicus*”, a teoria se faz prática por simples extensão, ou seja, há uma conexão entre ideia e ação. Há um aforismo de Leibniz, muito repetido pelos idealistas italianos: “*Quo magis speculativa, magis practica*”, afirmado quanto à ciência (GRAMSCI, 1999, p. 199).

Para Mészáros (2009), a passagem citada na crítica a Feuerbach é uma reorientação do pensamento filosófico, significando que a investigação teórica deve ter como foco a busca da transformação da realidade existente. Este princípio orientador permanece para sempre em toda a obra de Marx. Portanto, a unidade entre a teoria e a prática para Karl Marx está voltada para o sentido emancipatório do ser humano em relação à dominação do capital.

De acordo com Mészáros (2009) um acerto de contas crítico com a economia política ocupou um lugar central na obra de Marx. No Prefácio de 1859 de *Para a crítica da economia política*, Karl Marx sintetizou seu método dizendo que se convencera de que a anatomia da sociedade civil deve ser procurada na economia política. Uma revisão crítica da filosofia do direito de Hegel foi o primeiro trabalho que Marx realizou para sanar suas dúvidas sobre economia e filosofia. Este trabalho foi publicado nos *Anais Franco-Alemães*, editados em Paris, em 1844. Ali, Marx diz que chegou ao seguinte resultado:

[...] relações jurídicas, tais como formas de Estado, não podem ser compreendidas nem a partir de si mesmas, nem a partir do assim chamado desenvolvimento geral do espírito humano, mas, pelo contrário, elas se enraízam nas relações materiais de vida, cuja totalidade foi resumida por Hegel, como ‘sociedade civil’ (bürgerliche Gesellschaft), seguindo os ingleses e franceses do século XVIII; mas que a anatomia da sociedade burguesa (bürgerliche Gesellschaft) deve ser procurada na economia política (MARX, 1978, 129).

Segundo Marx, o estudo dessa matéria ele começou em Paris, mas teve que continuar a estudá-la em Bruxelas, devido à sua expulsão de Paris por ordem do Sr. Guizot. O resultado geral a que ele chegou então foi o seguinte:

[...] na produção social da própria vida, os homens contraem relações determinadas, necessárias, e independentes de sua vontade, relações de produção estas que correspondem a uma etapa determinada de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. A totalidade destas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual levanta toda uma superestrutura jurídica e política, e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência [...] (MARX, 1978, p. 130).

E avança relacionando a consciência ao modo de intercâmbio entre os homens para produzir sua existência:

O modo de produção da vida material condiciona o processo em geral de vida social, político e espiritual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina a sua consciência (MARX, 1978, p. 130).

Mais a frente Marx demonstra que a solução para os grilhões da sociedade capitalista é uma revolução social que derrube a ordem opressora existente, na qual é fundamental o desenvolvimento das forças produtivas e a organização do proletariado como classe revolucionária:

Em uma certa etapa de seu desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as relações de produção existentes ou, o que nada mais é do que a sua expressão jurídica, com as relações de propriedade dentro das quais aquelas até então tinham se movido. De formas de desenvolvimento das forças produtivas estas relações transformam-se em seus grilhões. Sobrevém então uma época de revolução social. Com a transformação da base econômica, toda a superestrutura se transforma com maior ou menor rapidez (MARX, 1978, p. 130).

Segundo Marx, além de observar as condições materiais que engendram as transformações é necessário verificar “as formas ideológicas pelas quais os homens tomam conhecimento desse conflito e o levam até o fim” (1978, p. 130). Nesse ponto fica claro a importância que Marx dá a questão da ideologia como elemento necessário para construir a força material – as formas organizacionais de luta – que podem por abaixo a ordem caduca vigente em uma dada época histórica. As ideias de uma época são superadas por outra na medida em que vão se desenvolvendo as forças produtivas da sociedade.

Gramsci reafirma esta posição destacando que:

O fato de que os sistemas filosóficos passados tenham sido superados não exclui a possibilidade de terem sido válidos historicamente e de terem desempenhado uma função necessária: sua caducidade deve ser considerada do ponto de vista histórico global e da dialética real; que eles fossem dignos de perecer não é um juízo moral ou de profilaxia do pensamento, emitido de um ponto de vista ‘objetivo’, mas um juízo dialético-histórico (GRAMSCI, 1999, p. 135).

E contra qualquer visão mecanicista, duas passagens fundamentais deste Prefácio precisam ser anotadas.

A primeira argumenta que:

Uma formação social nunca perece antes que estejam desenvolvidas todas as forças produtivas para as quais ela é suficientemente desenvolvida, e novas relações de produção mais adiantadas jamais tomarão o seu lugar, antes que suas condições materiais de existência tenham sido geradas no seio mesmo da velha sociedade (MARX, 1978, p. 130).

A segunda ensina que:

[...] a humanidade só se propõe tarefas que pode resolver, pois, se se considera mais atentamente, se chegará à conclusão de que a própria tarefa só aparece onde as condições materiais para a sua solução já existem, ou, pelo menos são captadas no seu processo de devir (MARX, 1978, p. 130).

De acordo com Gramsci deve se analisar a fundo estas duas proposições, porque elas afastam qualquer mecanicismo ou traço de superstição “milagrosa”. É nesse contexto que se deve colocar o papel dos grupos políticos e, em última instância, das grandes personalidades na história (GRAMSCI, 1999, p.140).

Portanto, os pré-requisitos para uma transformação social se desenvolvem na relação complexa e dialética entre o desenvolvimento das estruturas econômicas e das ideologias

correspondentes que são reflexos do modo como os homens enfrentam o conflito entre o desenvolvimento das forças produtivas e as relações de produção existentes. Assim, Karl Marx observou que no capitalismo a contradição entre a apropriação privada dos meios de produção e as relações de produção que instauram a divisão entre os proprietários e os não proprietários dos meios de produção, ou seja, os trabalhadores que sobrevivem pela venda de sua força de trabalho, levam a um antagonismo crescente das condições sociais de vida dos indivíduos, que, no entanto, como Marx apontara no *Manifesto Comunista*, encontra no próprio capitalismo as bases materiais para a sua solução.

Na “Introdução” de *Para a crítica da economia política*, Marx desenvolveu de modo ampliado seu método de análise. Ele começa dizendo que na economia política se começa pelo concreto, pelo estudo da população, sua divisão em classes sociais, sua repartição em cidade e campo, na orla marítima; os diferentes ramos de produção, a exportação e a importação, a produção e o consumo anuais, os preços das mercadorias, etc. Marx diz que parece ser mais correto começar pelo concreto, pelo real, que são a pressuposição prévia e efetiva; assim na economia política se começaria pela população que é a base e o sujeito do ato social de produção como um todo, no entanto se observamos mais atentamente tomamos conhecimento de que isto é falso. “A população é uma abstração, se desprezarmos, por exemplo, as classes que a compõem. Por seu lado, estas classes são uma palavra vazia de sentido e ignorarmos os elementos em que repousam, por exemplo, o trabalho assalariado, o capital etc.” (MARX, 1978, p. 116). Marx explica que se começarmos pela população, teríamos uma representação caótica do todo, e através de uma determinação mais precisa chegaríamos a abstrações mais simples; e voltando a análise do todo verificaríamos que este é uma rica totalidade de determinações e relações diversas. Portanto, para Marx:

O concreto é o concreto porque é síntese de múltiplas determinações, isto é, unidade do diverso. Por isso, o concreto aparece no pensamento como o processo da síntese, como resultado, não como ponto de partida, ainda que seja o ponto de partida efetivo e, portanto, o ponto de partida também da intuição e da representação. No primeiro método, a representação plena se volatiliza em determinações abstratas, no segundo, as determinações abstratas conduzem à reprodução do concreto por meio do pensamento (MARX, 1978, p. 116-117).

Por isto, ensina Marx, é que Hegel caiu na ilusão de conceber o real como resultado do pensamento que se sintetiza em si, e se move por si mesmo; enquanto que o método que consiste em elevar-se do abstrato ao concreto não é senão a maneira de proceder do pensamento para se apropriar do concreto, para reproduzi-lo como concreto pensado.

Avançando em sua exposição Marx explica que a sociedade burguesa é a organização histórica mais desenvolvida da produção e que as categorias que aparecem em suas relações permitem a compreensão de sua própria articulação e das relações de produção de formas históricas já desaparecidas sobre cujas ruínas ela se encontra edificada.

A conclusão de Marx a respeito do curso das categorias econômicas é de que estão

dadas tanto na realidade quanto no cérebro. Para Marx,

[...] as categorias exprimem, portanto, formas de modos de ser, determinações de existência, freqüentemente aspectos isolados desta sociedade determinada, deste sujeito, e que, por conseguinte, esta sociedade de maneira nenhuma se inicia, inclusive *do ponto de vista científico*, somente a partir do momento em que se trata dela *como tal* (MARX, 1978, p. 121).

Para Lukács este método de Marx é importantíssimo para desvelar as leis do funcionamento do capital, vez que as categorias da economia política burguesa apresentam o modo de produção burguês como a eterna forma natural da produção social.

Portanto, o único modo de formular uma teoria genuína era de K. Marx, pelo seu compromisso com o proletariado. Marx fora motivado pelo enorme impacto das transformações capitalistas e sociais de sua época, e seu enfoque de análise deslocou-se do ponto de vista de análise privilegiado do sistema orgânico do capital mantido pela subjugação permanente e exploratória dos trabalhadores, para o ponto de vista da alternativa hegemônica do trabalho, que para Mészáros, pode se constituir em um sistema orgânico ilimitado historicamente (MÉSZÁROS, 2009, p. 228- 229).

### **3 Conclusão**

Concluimos com este ensaio que é de extrema vigência as teses de Marx para compreendermos as raízes dos fenômenos sociais da nossa época histórica.

Como lembra o filósofo argentino Atilio Borón, três aportes centrais do marxismo são fundamentais para o estudo da sociedade. Em primeiro lugar, a importância decisiva que Marx dá ao estudo da totalidade, por contraposição a esterilidade das visões fragmentadoras das relações sociais características do pensamento burguês tanto em sua versão convencional quanto em suas correntes científicas. É bom recordar o que Marx disse na famosa *Introdução de 1857*: “o concreto é o concreto porque é a síntese de múltiplas determinações”, portanto, unidade do diverso. Em segundo lugar, Marx recupera a historicidade e a complexidade do ser social condicionados por limites estruturais e históricos. Portanto, a história dos homens é um processo em devir, a ser construído. Em terceiro lugar, Borón diz que a relação entre teoria e prática é fundamental no pensamento marxista: “Marx não estava interessado em desvendar os mais recônditos segredos do regime capitalista por mera curiosidade intelectual, mas sim se sentia urgido pela necessidade de transcendê-lo, dada a radical impossibilidade de construir dentro de suas estruturas, um mundo mais justo, humano e sustentável” (BORÓN, 2006, p. 49).

Vimos que vem daí sua insistência na unidade teoria e prática, e na necessidade da formação do sujeito revolucionário como força material organizada para derrubar a ordem social que mantém a exploração de classes, da qual ele foi ativo participante, como na

revolução de 1848, na Alemanha; na criação da Associação Internacional de Trabalhadores (AIT), em Londres, no ano de 1864; no apoio à Comuna de Paris de 1871.

Com estas breves notas a respeito de algumas de suas principais obras acompanhamos a evolução de seu pensamento, cuja recuperação é de extrema importância na atualidade para nos opormos a decadência ideológica da burguesia que por suas personificações intelectuais busca desconstruir a razão dialética e sua dimensão emancipadora.

## Referências

- BORÓN, A. Pelo necessário e demorado retorno ao marxismo. In: \_\_\_\_\_; AMADEO, J.; GONZÁLEZ, S. [organizadores]. *A teoria marxista hoje, problemas e perspectivas*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.
- GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho com a colaboração de Luiz Sergio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, v. 1, 1999. Caderno 11, p.93-114 e 279-430.
- GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho com a colaboração de Luiz Sergio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, Vol. 3, 2000. Caderno 13 pg. 13-109.
- GENKOW, H. *Marx e Engels, vida e obra*. São Paulo: Editora Alfa - Omega, 1984.
- KOHAN, N. *Marxismo – la teoria de Marx y sus seguidores*. 1. ed. Buenos Aires: Era Naciente, 2008.
- KAUFMAN; Martin; LEIGH, Daniel. *Os desequilíbrios da economia mundial e a crise da COVID-19*. IMF, 04 de agosto de 2020. Disponível em: <https://www.imf.org/pt/News/Articles/2020/08/04/blog-global-rebalancing-and-the-covid19-crisis>>. Acesso em: 10 mai. 2022.
- LUKÁCS, G. *Ontologia do ser social – os princípios ontológicos fundamentais de Marx*. São Paulo: LECH, 1979.
- LOWI, M. *Método dialético e Teoria Política*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- MARX, K. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Introdução a Crítica a filosofia do direito de Hegel – Cadernos do IV Curso Livre Marx e Engels*. São Paulo: SENAC/Boitempo, 2013.
- \_\_\_\_\_. *MARX – Os pensadores*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- \_\_\_\_\_. *A miséria da filosofia*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1982.
- MARX, K.; ENGELS, F. *O Manifesto Comunista*. Org. e Introdução: Osvaldo Coggiola. São Paulo: Boitempo, 1998.
- \_\_\_\_\_. *A ideologia alemã*. São Paulo: Hucitec, 1987.
- MANDEL, Ernest. *A formação do pensamento econômico de Karl Marx*. De 1843 até a redação de O capital. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.
- MÉSZAROS, I. *Estrutura Social e Formas de Consciência – a determinação social do método*. São Paulo: Boitempo, 2009.
- OIT - ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. *O COVID-19 causa perdas devastadoras de empregos e horas de trabalho*. Brasília: OIT, 2020. Disponível em: [https://www.ilo.org/brasilia/noticias/WCMS\\_741052/lang--pt/index.htm](https://www.ilo.org/brasilia/noticias/WCMS_741052/lang--pt/index.htm). Acesso em: 07 abr. 2020.

